

**MITO E IMAGINÁRIO EM *ANUNCIÇÃO E ENCONTRO DE MIRA-CELI*, DE
JORGE DE LIMA¹**

**MYTH AND IMAGINARY IN *ANUNCIÇÃO E ENCONTRO DE MIRA-CELI*, BY
JORGE DE LIMA**

Luís Alberto dos Santos PAZ FILHO²

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise da obra *Anunciação e encontro de Mira-Celi*, de Jorge de Lima, a partir de estudos acerca da linguagem do mito e do imaginário. Para efetuar este estudo, buscaram-se referenciais teóricos que refletissem acerca do papel do mito e do imaginário enquanto possibilidade simbólica para a constituição do discurso literário. Assim, estudos de Gilbert Durand, Mircea Eliade e Ernst Cassirer fazem-se presentes na medida em que possibilitam a articulação entre a lírica de Jorge de Lima e a estruturação do plano imagético simbólico de seus versos como manifestação fenomenológica de um mito.

PALAVRAS-CHAVE: Mito, Imaginário, Poesia lírica.

ABSTRACT: The present work aims to carry out an analysis of the work *Anunciação e Encontro de Mira-Celi*, by Jorge de Lima, based on studies about the language of myth and imaginary. In order to carry out this study, theoretical references were sought to reflect on the role of the myth and imaginary as a symbolic possibility for the constitution of literary discourse. Thus, studies by Gilbert Durand, Mircea Eliade and Ernst Cassirer are present to the extent that they enable the articulation between Jorge de Lima's lyric and the structuring of the symbolic imaginary plane of his verses as a phenomenological manifestation of a myth.

KEYWORDS: Myth, Imaginary, Lyric poetry.

Inatingível

O que sou eu, gritei um dia para o infinito
E o meu grito subiu, subiu sempre
Até se diluir na distância.
Um pássaro no alto planou vôo
E mergulhou no espaço.
Eu segui porque tinha que seguir
Com as mãos na boca, em concha
Gritando para o infinito a minha dúvida.

Mas a noite espiava a minha dúvida

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

² PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre – RS – Brasil.

E eu me deitei à beira do caminho
 Vendo o vulto dos outros que passavam
 Na esperança da aurora.
 Eu continuo à beira do caminho
 Vendo a luz do infinito
 Que responde ao peregrino a imensa dúvida.

Eu estou moribundo à beira do caminho.
 O dia já passou milhões de vezes
 E se aproxima a noite do desfecho.
 Morrerei gritando a minha ânsia
 Clamando a crueldade do infinito
 E os pássaros cantarão quando o dia chegar
 E eu já hei de estar morto à beira do caminho.
 (MORAES, 1933, s/p)

Velha história

Depois de atravessar muitos caminhos
 Um homem chegou a uma estrada clara e extensa
 Cheia de calma e luz.
 O homem caminhou pela estrada afora
 Ouvindo a voz dos pássaros e recebendo a luz forte do sol
 Com o peito cheio de cantos e a boca farta de risos.
 O homem caminhou dias e dias pela estrada longa
 Que se perdia na planície uniforme.
 Caminhou dias e dias...
 Os únicos pássaros voaram
 Só o sol ficava
 O sol forte que lhe queimava a fronte pálida.
 Depois de muito tempo ele se lembrou de procurar uma fonte
 Mas o sol tinha secado todas as fontes.
 Ele perscrutou o horizonte
 E viu que a estrada ia além, muito além de todas as coisas.
 Ele perscrutou o céu
 E não viu nenhuma nuvem.

E o homem se lembrou dos outros caminhos.
 Eram difíceis, mas a água cantava em todas as fontes
 Eram íngremes, mas as flores embalsamavam o ar puro
 Os pés sangravam na pedra, mas a árvore amiga velava o sono.
 Lá havia tempestade e havia bonança
 Havia sombra e havia luz.
 O homem olhou por um momento a estrada clara e deserta
 Olhou longamente para dentro de si
 E voltou.
 (MORAES, 1933, s/p)

Considerações iniciais

Este trabalho visa elaborar uma leitura da obra *Anunciação e encontro de Mira-Celi*, de Jorge de Lima, na qual a ideia de mito é interpretada através da percepção da constituição do Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas, Serra Talhada, n. 7, vol. 2: 71-85, Jul/Dez. 2020

plano do imaginário (individual e coletivo) sob a ótica dos sujeitos poéticos. Segundo a ideia aqui desenvolvida, a obra de Lima possibilita a compreensão de uma atmosfera da lírica na qual a origem e o desenvolvimento da sociedade são metaforizados pelas relações entre os planos do divino e do humano.

Algumas ideias tornam-se fundamentais na elaboração deste discurso: em primeiro lugar, Mircea Eliade contribui com a percepção de mito como uma narrativa originária, cuja estrutura é dinamizada por processos de repetição e reforço do plano semântico. A partir de Eliade, entende-se a obra literária que se apropria de fundamentos míticos como uma obra de (re)inauguração constante: como se cada leitura dela provocasse um mundo inédito e singular. Concernente aos fenômenos do mito parte-se também de Gilbert Durand, que apresenta o aspecto de desintegração e reintegração dos planos semânticos da linguagem. Para Durand, o principal elemento constitutivo do mito é a vida: o existir dos seres é o que propicia a elaboração de imaginários plausíveis, sobretudo simbólicos. O terceiro guia para este estudo será Ernst Cassirer. De acordo com o autor, em *Linguagem e mito* (1992),

a linguagem e o mito se acham originariamente em correlação indissolúvel, da qual só aos poucos cada um se vai desprendendo como membro independente. Ambos são ramos diversos do mesmo impulso de enformação simbólica, que brota de um mesmo ato fundamental e da elaboração espiritual, da concentração e elevação da simples percepção sensorial (CASSIRER, 1992, p. 105).

Dessa forma, o presente estudo busca apropriar-se de algumas noções de mito e de imaginário para instigar uma hipótese de leitura sobre a obra de Jorge de Lima: que tipo de mito é evocado em seus versos? Como se constituem os planos simbólicos na elaboração do imaginário do eu-lírico? Qual é a função da linguagem sob este prisma? Estas e outras questões explícitas – e, acredita-se, outras que surgirão de acordo com cada nova (re)leitura – podem não ser sumariamente respondidas, mas servirão, ao menos, de guia para as provocações aqui pretendidas.

A constituição do mito: o imaginário como recurso de (re)significações da vida

De acordo com Mircea Eliade, professor, mitólogo, filósofo e cientista das religiões, em *Mito e realidade* (1972),

o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É

sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser (ELIADE, 1972, s/ pág.).

Ao partir da perspectiva adotada por Eliade, passamos a compreender o mito como uma narrativa na qual as ideias presentes no campo do imaginário podem se manifestar de forma veemente: sonho, utopia e desejo são alguns dos elementos que passam a ser (re)interpretados segundo uma ótica sistêmica na qual o surgimento dos elementos possui explicações lógicas que acarretarão em consequências plausíveis aos personagens de uma trama. Assim, o mito instaura sempre um cosmos singular: trata-se de um espaço-tempo singular que é elaborado graças aos elementos sobrenaturais que dele ganham vida. O sujeito, nesse âmbito, pertence a um regimento que ultrapassa a mera condição de vida individual, integrando uma constelação de significados e responsabilidade que, em última instância, comporão uma constelação ainda maior de sentidos.

No capítulo intitulado “Mito e poesia”, integrante da obra *Campos do imaginário* (1998), Gilbert Durand apresenta as origens dos termos “mito” e “poesia” mostrando suas similaridades e discrepâncias no tocante a perspectivas teológicas, filosóficas e científicas. Para iniciar a análise dos dois elementos, Durand introduz a ideia de símbolo como uma construção discursiva simbólica que atravessa a linguagem; por outro lado, a poesia, surge como um modo literário que tem seu sentido embasado no que o autor chama de “desintegração” dos sentidos convencionais. Para Durand, a poesia apresenta uma integração verbal ao passo que mostra uma desintegração semântica: a linguagem verbal é a base do discurso poético, que é compartilhado por um código comum aos falantes de determinada língua; No entanto, os sentidos atribuídos a esse código mostram-se sempre inéditos e reveladores. Esse processo, por outro lado, não afetaria o mito: a linguagem utilizada não é tão importante na consideração do mito, pois o que realmente interessa é a sua estrutura simbólica, a mensagem fixa em uma forma alternável. Por isso, Durand diz que a matéria-prima do mito é a existência. A elucidação do discurso mítico parte de um corpo social (antes de linguístico) e necessita da repetição para se estabelecer. O discurso do mito permearia, assim, os sentidos intuitivos de uma dada sociedade após ingressar em seu imaginário.

Assim, mito e poesia organizam discursos sociais através de vias distintas: a poesia, metaforicamente, por processos linguísticos que ressignificam as palavras, os versos, os textos; o mito, homologicamente, isto é, através da repetição e indução de uma intuição por uma estrutura de significações pré-elaborada. Contemporaneamente, observa Durand, os mitos têm, de forma intensificada, sidos recuperados em temas da poesia: o diálogo com um dos principais

Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas, Serra Talhada, n. 7, vol. 2: 71-85, Jul/Dez. 2020

berços da tradição ocidental, a cultura grega, é não raras vezes estabelecido em poetas brasileiros (como Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Hilda Hilst, Alberto de Oliveira, Armino Trevisan, Waldir Ayala, Mario Quintana, Alice Ruiz e inúmeros outros), quando evocam ideias apolíneas, dionisíacas, narcísicas e outras. Pode-se apontar, a este respeito, a necessidade do mito de existir através da arte, local privilegiado onde seu discurso pode ser recuperado e reinterpretado, desde as revoluções racionalistas que propõem percepções científicas sobre a origem e a organização do mundo.

Ainda de acordo com Durand, mas dessa vez no capítulo intitulado “O balanço conceitual e o novo método para a abordagem do mito”, presente na obra *O imaginário* (2004), a lógica do mito fundamenta-se na oposição da lógica tradicional estabelecida desde, no mínimo, Aristóteles. Segundo o autor, esta tradição é responsável por renegar as influências do imaginário, do mítico, do místico e dos sonhos como perspectivas de interpretação dos discursos. O princípio da redundância do mito teria sido observado graças ao caráter ambíguo dos signos linguísticos e também do aspecto dual destes em uma sentença sincrônica. Cada mitema, ou ato ritualístico, teria como função, através da repetição de efeito, remontar à totalidade de um mito. E é desses aspectos que transpassam a lógica racional tradicional que surge um terceiro elemento que se liga a oposição pré-existente entre dois sintagmas que se combinam em relação causal. Esse terceiro pilar da estrutura discursiva relaciona-se aos dois antecessores como uma soma aos aspectos de forma redundante e repetida.

Torna-se preciso elucidar, por outro lado, que, ao tratarmos de uma narrativa mítica, a realidade não é desprendida. Não se cria um plano isolado da ideia de realidade que já se tem. O que se realiza é um movimento transformador através da *linguagem*. É ela quem adquire um novo *status* e revoluciona a forma de estruturar a percepção do mundo. De acordo com Ernst Cassirer, em *Linguagem e mito* (1992),

este vínculo originário entre a consciência linguística e a míticoreligiosa expressa-se, sobretudo, no fato de que todas as formações verbais aparecem outrossim como entidades míticas, providas de determinados poderes míticos, e de que a Palavra se converte numa espécie de arquipotência, onde radica todo o ser e todo acontecer (CASSIRER, 1992, p. 64).

Essa ideia de palavra como uma nova arquipotência mostrar-se-á muito válida ao analisarmos a obra aqui proposta. Em *Anunciação e encontro de Mira-Celi* (1950), a figura do poeta, isto é, o ser inesperado que carrega a palavra divina, será de suma importância para o universo de Mira-Celi, esta criação do imaginário coletivo e também individual do sujeito poético. Estabelece-se uma justaposição entre as ideias de humano e sagrado, como oposições

inevitáveis na constituição de uma busca por felicidade e plenitude. O humano e terreno, no entanto, não são uma base pecadora monossignificativa. São, antes, condições de potencialidades: possibilidades que se desdobrarão conforme o surgimento dos desejos e dos sonhos. A respeito desse ponto, vale trazer para a conversa Mircea Eliade, em *O sagrado e o profano* (1992), obra na qual são elaboradas as diferenças entre o espaço profano e o espaço sagrado. Segundo o autor, parte-se do princípio de que o espaço não é homogêneo: apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras.

Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é real, que existe realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca (ELIADE, 1992, p. 17).

Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só há rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma realidade absoluta, que se opõe à não realidade da imensa extensão envolvente. Ainda segundo Eliade, para viver no Mundo é preciso fundá-lo – e nenhum mundo pode nascer no “caos” da homogeneidade e da relatividade do espaço profano. A descoberta ou a projeção de um ponto fixo – o “Centro” – equivale à Criação do Mundo. Já para a experiência profana, o espaço é homogêneo e neutro: nenhuma rotura diferencia qualitativamente as diversas partes de sua massa. Vejamos a seguir como estes elementos surgem na obra de Jorge de Lima.

Anunciação e encontro de Mira-Celi: a linguagem entre o divino e o terreno

Anunciação e encontro de Mira-Celi, obra de Jorge de Lima dedicada a Otto Maria Carpeaux, foi escrita em 1943 e publicada em 1950. Trata-se de uma obra poética de cerca de noventa páginas e é dividida em cinquenta e nove textos. Embora numerados de forma independente, cada texto relaciona-se ao próximo, criando assim uma espécie de corrente narrativa dentro do organismo poemático construído por Jorge de Lima.

Em *Anunciação e encontro de Mira-Celi*, constitui-se um universo em toda a sua grandeza e riqueza. Elevam-se as condições e os conflitos humanos ao patamar da vigilância onipotente da poesia. O poético é, neste caso, a casca que concentra e que permite a existência de um plano que é, ao mesmo tempo, fundador e onírico. Desdobrando-se entre múltiplas camadas de sentidos, o texto de Jorge de Lima inaugura um estado de consciência lírica capaz de ressignificar e reorientar toda uma cosmovisão mítica: a elaboração dos versos em *Mira-Celi*

soa como duas potências distintas: por um lado, como a revelação da História, anteriormente ocultada; por outro, como uma profecia.

No primeiro texto da obra, o sujeito poético manifesta-se através de uma escrita prosaica, embora contenha já em si traços de um lirismo enigmático e mítico. Chamaremos, por isso, de versos os segmentos presentes nessa primeira parte, bem como nas seguintes. O texto abre com o nascimento do cosmos: “O inesperado ser começou a desenrolar as suas faixas em que estava escrita a história da criação passada e futura” (LIMA, 2006, p. 219). Este inesperado ser citado pelo sujeito poético é o protagonista de todo esse primeiro texto, no qual são apresentados os elementos do nascimento, da criação da ordem e dos questionamentos acerca da existência. O espaço-tempo configura-se como extensão de seu próprio surgimento, como uma espécie de motivação para suas ações: “O pátio interior espraiou-se como um lago, e as colunas eternas que sustentavam as abóbadas substituíram os seus braços e as suas pernas” (LIMA, 2006, p. 219). O inesperado ser, embora não seja humano, possui semelhanças com o mundano, como a dúvida e o desejo. Pode-se estabelecer um paralelo entre si e Jesus Cristo da tradição cristã, tanto em sua expressão de mártir “Senhor, o meu corpo é genérico; e por que me crucificam?” (LIMA, 2006, p. 219), quanto por sua lealdade a um Deus que o “recobriu com esta aparência”.

O inesperado ser existe além do tempo, sendo capaz de atravessar gerações sem que sua aparência envelheça, ao passo que a história de sua vida se confunde com o surgimento da história de todos os seres. Seus pensamentos são capazes de conter todas as vozes e todas as fantasias, pois é nele que se resguardam os desejos e as ideias do ser humano. Ao se pensar na proposição de mutabilidade do ser trazida por Eliade em *O sagrado e o profano*, pode-se estabelecer uma conexão com o estatuto da linguagem, que também se modifica e busca apreender um novo universo, não apenas resignificando-o, mas reconstruindo-o. Por este motivo, o pensamento e reflexão do sujeito não existem de maneira isolada, mas sim como integrantes do movimento cósmico do indivíduo. De acordo com Cassirer,

a livre idealidade da palavra, na qual reside o cerne da função lógica, é forçosamente estranha à visão mítica do mundo, pois, para ela, só tem sentido de ser aquilo que se lhe apresenta em sua realidade tangível imediata. Aqui, de nada vale o simples "referir" ou "significar", mas todo conteúdo, para o qual tende e se projeta a consciência, é transformado imediatamente em forma da existência e na do atuar. A consciência não se coloca, aqui, em atitude de livre reflexão diante do conteúdo, a fim de elucidá-lo em sua estrutura e conexões regulares, a fim de analisá-lo em suas diversas partes e condições, mas pelo contrário, é aprisionada pela inteireza imediata deste. Não desdobra o conteúdo particular; não avança nem retrocede a partir dele, para considerá-

lo sob o ângulo de suas “causas” ou de seus “efeitos”, mas descansa na simples existência deste conteúdo (CASSIRER, 1992, p. 74-75).

A natureza, portanto, é a ideia e a própria reflexão sobre a ideia, não existindo como um elemento exterior, mas como todo o processo da vida em sua plenitude, em seus mistérios e em seus tempos. Ela se apresenta, neste caso, como um elemento fundacional: as águas da criação, o solo da vida e os ventos das memórias, todos são vestígios das identidades porvir que são evocadas durante o processo de apresentação do “profeta”: “Era preciso escavar a verdade: ele rompeu os dedos na rocha até encontrá-la” (LIMA, 2006, p. 220). Nota-se um instinto de justiça e de determinação pela busca da essência da significação da vida. Entretanto, morte e vida confundem-se em um processo de continuidade: como escalas planejadas de uma vasta viagem, morrer é um passo natural no percurso da eternidade (e nela que ele se encontra). Ao observar a existência de um plano superior e, ainda assim, poder nela interferir, o sujeito profetizado e profético revela mais uma característica que o aproxima do plano terreno: a paixão. Mais uma vez estabelecendo como parâmetro de comparação a cultura cristã, a figura feminina evocada como objeto de desejo pelo ser inesperado pode ser equiparada à Eva da Bíblia: “Que nome mais antigo que o seu e da musa saída de si?” (LIMA, 2006, p. 221). A ideia de o feminino ter sucedido o masculino como o surgimento daquele através deste assemelha-se ao mito cristão de Eva ter sido criada a partir da costela de Adão, os primeiros seres criados por Deus no Paraíso.

Ao encerrar este primeiro texto, o sujeito poético evoca alguns versos em Latim: “*Ego dormivi, et soporatus sum: et exsurrexi, quia Dominus suscepit me. Illumina oculos meos, ne unquam obdormiam in morte: nequando dicat inimicus meus: Prevalui adversus eum*” (LIMA, 2006, p. 221). Como uma espécie de oração, o ser inesperado suplica pela continuidade do apoio de Deus para que o inimigo não prevaleça diante dos embates da vida. Aqui há outra equiparação entre o ser inesperado e o plano terreno: a convicção de uma força ainda maior que é capaz de organizar de maneira justa o universo das criações. Além disso, apresentam-se as ideias de Bem e de Mal como entes poderosos que se enfrentam eternamente em equilíbrio. A respeito desses embates entre significação e representação, Cassirer destaca que

há um reino do espírito no qual a palavra não só conserva seu poder figurador original, como, dentro deste, o renova constantemente; nele, experimenta uma espécie de palingenesia permanente, de renascimento a um tempo sensorial e espiritual. Esta regeneração efetua-se quando ela se transforma em expressão artística. Aqui torna a partilhar da plenitude da vida, porém, se trata não mais da vida miticamente presa e sim esteticamente liberada (CASSIRER, 1992, p. 115).

Assim, a linguagem e a figuração do cosmos mítico vinculam-se, neste caso, não somente como instrumento e objeto, mas também em sua dimensão estético-representativa: as ideias de Bem e de Mal, humano e divino e outras antíteses metaforizadas nos versos de Lima parecem constituir um universo simbólico que se apropria do imaginário linguístico do qual faz parte, ampliando os conceitos nele pré-existentes e reformulando a tradição lírica sob uma vertente do imaginário coletivo.

Apenas a partir do segundo texto da obra, o eu-lírico evocará explicitamente *Mira-Celi*, sua musa idealizada que é, também, seu guia. Nos versos que inauguram o texto dois, revela-se: “Tu és, ó Mira-Celi, a repercutida e o leitmotivo/ que aparece ao longo do meu poema” (LIMA, 2006, p. 222). A partir desse ponto, conforme é possível perceber, a estrutura em estrofes e versos (brancos) líricos está desenhada. Mira-Celi é introduzida através de uma metáfora, a do leitmotivo, que diz respeito à repetição de um tema apresentado constantemente ao longo de uma peça musical. Assim, para o eu-lírico, o universo adquire sentido através da música, isto é, da revelação de Mira-Celi. Essa música é ecoada em sua existência, sendo o seu corpo a ferramenta (e instrumento musical) capaz de reger essa peça composta com exclusividade para a sua vida – “Nele estás construída à semelhança de um imenso órgão/ movimentado pelo meu espírito” (LIMA, 2006, p. 222).

Estabelece-se, pois, uma relação natural de co-dependência entre o ser e Mira-Celi, assim como a vida necessita de sentidos para que o sujeito empreenda em um percurso de ações e motivações. O modo de viver do sujeito poético reflete um modo de a vida se organizar: é em seus movimentos que o mundo todo também se movimenta, é com sua respiração que o oxigênio é bombeado nos pulmões de todos os seres vivos, e é com seus desejos que todos passam também a desejar. Pode-se dizer que o eu-lírico representa um senso de coletividade que ultrapassa uma forma de representação estática do humano: é, sobretudo, uma maneira dinâmica de encenar os modos de viver, seus anseios e suas consequências. Ao mesmo tempo, surge o papel do poeta e, por conseguinte, da poesia: como uma forma de fenomenologia das causas cosmológicas, a poesia é a responsável por intervir entre os mistérios do ser. De acordo com o sujeito poético, “Os grandes poemas ainda permanecem inéditos,/ e as grandes palavras dormem nas línguas secas” (LIMA, 2006, p. 225). O grande poder da palavra encontra-se, portanto, em processo de descobrimento, afinal, a força da linguagem – seja ela poética ou musical – mostra-se como a norteadora força da vida.

O plano mítico instaurado, faz-se importante destacar, é sempre revelado através da percepção do mesmo eu-lírico. Ele é iluminado por Mira-Celi, e é com essa iluminação que

todas as vidas ganham sentido. O eu-lírico assume: “Nunca fui senão uma coisa híbrida / metade céu, metade terra, / com a luz de Mira-Celi dentro das duas órbitas” (LIMA, 2006, p. 245). A palavra “órbitas” possibilita um duplo sentido: por um lado, o campo semântico do universo, que aparece ao longo de todas as partes do texto, atribui ao eu-lírico uma percepção cósmica, mais ligada ao divino; por outro, diz respeito aos olhos do sujeito, elemento mais ligado ao terreno e, por isso, profano, uma vez que são eles os responsáveis por desvelar as imagens observadas pelo corpo material que sente e pensa a vida.

Ao constituir esse plano de Mira-Celi, o eu-lírico constrói uma vida completa. Para isso, torna-se necessária a criação de personagens que convivem no cosmos. Além de figuras-tipo que representam funções como o poeta, o palhaço, o orador, o tirano e outros, há também figuras nomeadas que permeiam o espaço: “Roselis é uma que se livrou do exílio entre os mercenários/ e tem os cílios embebidos do mais puro unguento” (LIMA, 2006, p. 251). A jovem de quatorze anos salvaguarda em sua pureza a predestinação de conceber figuras de luz para Mira-Celi – os poetas –, além de libertar os povos. Surgida dos mares e constituída por elementos sobrenaturais como “braços que parecem asas de gigantescas pombas aquáticas” e que “as coxas vêm batidas por furacões”, há a rainha da noite: “Seu nome não será Germinal ou Celidônia? Ou será simplesmente a rainha da noite,/ que se aproxima primeiro escurecendo uma esquina solitária [...]” (LIMA, 2006, p. 256). Esta figura, que não se confunde com Mira-Celi, resguarda a sensualidade da linguagem e é nomeada de essência do poema. Há ainda Isadora, construída como a imagem de uma irmã mais nova do eu-lírico e “repetição das faces e dos ventres que imaginei” (LIMA, 2006, p. 257). Ela representa não apenas a força do desejo de permanência, mas também as ambiguidades de um incesto, de um yin-yang e dos pólos do feminino e masculino. Além dessas citadas, há outras figuras femininas construídas. Nota-se, por isso, como há o estabelecimento dessas figuras-deusas femininas ao longo do poema (além de Mira-Celi), o que aponta para algumas perspectivas: o feminino encontra-se mais próximo da divindade; o poder da gestação e do nascimento é supervalorizado no cosmos de Mira-Celi; as mulheres são lugares e potências de lugares ao mesmo tempo, uma vez que emergem da natureza, reconfiguram o espaço onde se instalam e possibilitam a extensão ou descoberta de novos planos.

Voltemos a um dos principais elementos que permeiam toda a constituição do universo de Mira-Celis: o surgimento e a função do poeta. Conforme dito anteriormente, o poder da linguagem presente no texto de Jorge de Lima realiza uma espécie de conjunção com o elemento musical: é como se som e palavra realizassem uma dança inaugural, e o resultado

disso é a existência de toda a vida. O poeta, o portador da palavra ainda desconhecida, tem o poder de desvelar o mundo e introduzir novos sentidos à ordem e ao caos. Nesse sentido, ao colocar-se nesse jogo metapoético, o eu-lírico desempenha um papel de descobridor e de Escolhido pelos deuses, conforme é possível observar a seguir, no poema quarenta e cinco de Mira-Celis:

Quem vem lá? É homem, é vento, é fantasma?
 Ou é o veleiro que volta de sua viagem ao mar?
 O inesperado ser arrastava uma asa,
 Tinha os olhos cobertos de orvalho,
 A voz era de vaga revoltada;
 Vinha só, recoberto de algas,
 Peixes nas mãos, corais nos cabelos,
 Embriagado ou louco, febricitante ou palhaço.
 Sendo mesmo irmão dos pescadores,
 Estes não o reconheceram.
 O inesperado ser era como um naufrago na terra.

As criaturas de Deus recuaram medrosas:
 Quem és tu? És demônio marinho ou és cisne?
 Iam crucificá-lo num penhasco do mar.
 - sou homem, imagem de Deus, sou poeta.
 Sob esta figura humana meus ombros são rochedo
 E minha cabeça é uma vela de barco.
 Sou assim para resistir,
 Para não morrer,
 Para vos salvar (LIMA, 2006, p. 281)

No poema transcrito, o eu-lírico compõe uma espécie de diálogo: há um eu poemático explícito na construção lírica, mas há também um nós, em momentos nos quais o eu-lírico estabelece um vínculo direto com outras criaturas, uma espécie de sociedade. Assim, a percepção deste eu no plano lírico direciona constantemente a atenção para um plano elevado no qual ele sente-se inserido em um senso de coletividade. Este fenômeno é importante, pois estabelece a conexão entre os fatores imaginários individuais com a percepção de um imaginário coletivo. Para realizar este movimento, o sujeito poético elabora perguntas, que o colocam na mesma situação de informação e sensação na qual vivem seus semelhantes: “Quem vem lá? É homem, é vento, é fantasma?/ ou é o veleiro que volta de sua viagem ao mar?” (LIMA, 2006, p. 281). Nos dois primeiros versos da primeira estrofe do poema, conforme é possível perceber, as questões colocadas introduzem dois possíveis panoramas de análise: há uma figura aproximando-se e, dela, tem-se duas possibilidades: ou é um fantasma ou um navegador. Estes dois signos pertencem a esferas semânticas distintas, mas, em ambos os casos, há o estabelecimento de conexões com o passado mítico das sociedades, seja ao evocar a figura de um fantasma, que remete à sobrevivência de algum ente, seja ao mencionar o homem dos mares, *Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas*, Serra Talhada, n. 7, vol. 2: 71-85, Jul/Dez. 2020

que, geralmente, representa a figura do desbravador dos povos. Seja qual for o caminho selecionado, nas duas hipóteses (que não se anulam) o imaginário *popular* da sociedade é evocado e subjugado possíveis predileções particulares.

Ao partir das primeiras informações oferecidas pelo eu-lírico, o poema desenvolve-se de maneira a descrever essa figura que vem ao encontro do povo com elementos místicos. O inesperado ser, como sempre nomeado ao longo dessa obra de Lima, funde-se com os elementos naturais “recoberto de algas,/ peixes nas mãos, corais nos cabelos” e tem sua aparência transmutada em algo sobre-humano, pois mesmo sendo irmão dos pescadores, ninguém foi capaz de reconhecê-lo. Este fator aponta para a capacidade de transformação do mar: símbolo de vida e morte, restauração e regeneração dos seres, o mar, não raras vezes, está associado à origem das histórias. Também é através dele que se realizam empreitadas que buscam desenvolver os povos e nele estão guardados mistérios indissolúveis.

Somente na segunda estrofe do poema, a imagem do ser inesperado é revelada: antes de crucificarem-no (novamente a alusão ao Cristianismo), o ser revela-se imagem de Deus: poeta. A ideia do poeta como aquele quem carrega a palavra divina é outra vez reiterada neste texto, dessa vez através da representação de uma criatura transformada e distanciada, aparentemente, da imagem das “pessoas normais”. Isso indica a aproximação do poeta a outro plano, um local de elevação e transcendência no qual sua imagem mundana perde a essência de outrora. O mar, conforme dito anteriormente, funciona como um espaço de renovação. Por isso, o sujeito funde-se com o visual marítimo, pois é através das águas divinas que ele recupera um corpo, que agora é outro, e ache seu caminho em busca da salvação dos povos. Nas palavras do próprio ser inesperado, “sob esta figura humana meus ombros são rochedo/ e minha cabeça é uma vela de barco./ Sou assim para resistir,/ para não morrer,/ para vos salvar” (LIMA, 2006, p. 281).

A partir do poema transcrito e dos excertos dos outros poemas elencados ao longo deste trabalho, torna-se possível dizer que a ideia de um imaginário individual que parte para um imaginário coletivo é ressignificada através da percepção do mito como enredo fundamental na maneira como os sujeitos poéticos decidem refletir sobre suas próprias existências e, assim, projetarem suas ideias e sentimentos em uma conexão profunda com a sociedade. É, sobretudo, a partir de uma visão de mundo guiada pela ideologia cristã que o poeta Lima constitui, em seus versos, um universo simbólico que, embora dialogue com tais crenças, vai além: reelabora a ideia de um Cristo-salvador, bem como a concepção de um mundo onírico e utópico. A imagem do ser feminino é revestida de elementos clássicos como maternidade e fertilidade, mas

correspondem a uma transformação da exegese lírica de Mira-Celi: a divinização do corpo através das ideias.

Considerações finais

Para a realização deste estudo, optou-se por três guias teóricos que surgem de maneira explícita em alguns momentos, mas que existem de maneira ainda mais intensa em cada linha, mesmo que não citados. A partir de Eliade, Durand e Cassirer, o trabalho desenvolvido pretendeu uma provocação acerca da poesia lírica de Jorge de Lima. De acordo com o discurso aqui elaborado, o autor, consagrado há décadas no cânone da literatura nacional, desenvolve na obra *Anunciação e encontro de Mira-Celi* uma fenomenologia da condição humana sob a ótica do imaginário mítico.

Como ponto de partida, torna-se importante refletir acerca da ideia de Mira-Celi, nome identificado através do “ser inesperado” dos poemas que constituem a obra. Os sujeitos poéticos dos textos, que se complementam e formam uma espécie de epopéia moderna brasileira, dialogam, observam e refletem – ora consigo próprios, ora com outros indivíduos que compõem a sociedade – a respeito da ideia de Mira-Celi, uma entidade cósmica feminina que parece originar o próprio universo no qual estão inseridos. Mira-Celi é uma espécie de Pasárgada: um espaço muito mais simbólico do que físico. Mas esse espaço é também um sujeito – afinal, conforme Eliade, os espaços sagrados e profanos sofrem interferências diretas dos sujeitos. Se o espaço é uma criatura, Mira-Celi é um cosmos recheado de desejos, de paixões e de dúvidas.

Ao elaborar uma analogia com a tradição cristã, Lima compõe um universo semântico ainda assim exclusivo, um mito originário que se fundamenta nas águas e no ser feminino: a fertilidade, o nascimento, a criação e o sexo são alguns dos pontos constantes ao longo dos poemas apresentados em sua obra. Em todos os casos, o ser feminino elabora papel fundamental na significação da existência, ao passo que a ideia de profeta, de cruz e de salvação contrapõem o caos inicial. Se o mito necessita da vida para ser narrado, de acordo com Durand, em *Mira-Celi*, a vida é ressignificada constantemente, através dos sujeitos poéticos que sentem o mundo dentro de si, mas também nos *outros*. E é este o ponto que parece fundamental: o mito, que se apropria do coletivo social para permanecer vivo no imaginário é aquele que inaugura a essência em todos os seres humanos: o desejo de integrar um plano significativo, de pertencer à vida e de ser importante para o *outro*. Devido a esse potencial do sujeito poético e de suas ideias, os dois poemas utilizados como epígrafe, pertencentes à chamada “fase religiosa” de Vinícius de Moraes não estão presentes à toa: em ambos os casos, e assim como acontece ao longo da obra

de Jorge de Lima, o indivíduo lírico é posto à prova – seja por si mesmo ou por algo maior e de força arrebatadora. A própria consciência e intenção poética de fazer-se *ser* é o que prova, tanto em Moraes quanto em Lima o aspecto intensamente humano do devir poético. O caminho para a luz, a sabedoria infinita, é reconfigurado em Lima de forma a advertir o caminhante: torna-se possível, e até plausível, elevar a condição de sujeito uma vez que a própria identidade é compreendida como um fator mutável e, por vezes, submisso ao espaço cultural no qual está inserido. Por isso, a importância de se considerar o imaginário coletivo na experiência poética da percepção, (re) elaboração e apresentação do mito na lírica moderna – porque é somente através da convivência dos plurais que o uno se torna, de fato, significativo.

REFERÊNCIAS

- CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- DURAND, Gilbert. **Campos do imaginário**. Instituto Piaget, 1998.
- _____. **O imaginário**. Rio de Janeiro: Difel, 2004.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LIMA, Jorge de. **Anunciação e encontro de Mira-Celi**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- MORAES, Vinícius de. **O caminho para a distância**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.